

Meios de Comunicação, Aculturação e Interculturalidade: dilemas na Modernidade Tardia

Media, Acculturation and Interculturality: dilemmas in Late Modernity

Patricio Dugnani ¹

 DOI: 10.59306/memorare.v10e25925

Resumo: Nesse artigo pretende-se rever as observações feitas pelos pesquisadores da Escola de Chicago, principalmente Robert Ezra Park e Ernest Watson Burgess, sobre o fenômeno da imigração e a aculturação que muitas vezes acompanha esse processo. Busca-se comparar esse momento destacado pela Escola de Chicago, entre os anos de 1915 e 1935, com os sintomas atuais que se observa na Modernidade Tardia, consequência da grande mobilidade de populações que migram para outros países devido as guerras e a miséria provocadas pela distribuição desequilibrada de riquezas. Essa leitura pretende refletir, a partir da teoria dos meios de McLuhan, se a introdução dos meios digitais interfere com esse fenômeno, se a aculturação atinge somente os imigrantes ou, também, os usuários dos meios, e se os estudos interculturais poderiam ajudar no desenvolvimento de estratégias que pudessem diminuir os efeitos desse processo.

Palavras-chave: Meios de Comunicação. Aculturação. Interculturalidade.

Abstract: This article aims to review the observations made by Chicago School researchers, mainly Robert Ezra Park and Ernest Watson Burgess, on the phenomenon of immigration and the acculturation that often accompanies this process. The aim is to compare this moment highlighted by the Chicago School, between the years 1915 and 1935, with the current symptoms observed in Late Modernity, a consequence of the great mobility of populations that immigrate to other countries due to wars and misery caused by unbalanced distribution of wealth. This reading intends to reflect, based on McLuhan's media theory, whether the introduction of digital media interferes with this phenomenon, whether acculturation affects only immigrants or also media users, and whether intercultural studies could help in the development of strategies that could reduce the effects of this process.

Keywords: Media. Acculturation. Interculturality.

¹ Professor e tutor de pesquisa do Centro de Comunicação e Letras - CCL da Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM. Doutor em Comunicação e Semiótica. Pesquisador do grupo de pesquisa Linguagens e Narrativas Interculturais (CNPQ). patricio.dugnani@mackenzie.br

1. Introdução

A princípio o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação estão baseados na busca em aumentar o alcance das informações, ou seja, vencer o espaço físico e atingir o maior número de pessoas. Com esse movimento, conforme observa Marshall McLuhan (2016), uma tendência é possível se esperar desse fenômeno: o encontro cada vez mais intenso entre sociedades separadas pela distância. Além disso, pode-se intuir que, com o encontro dessas comunidades, também, deverá ocorrer um processo mais acelerado de mistura de culturas.

Porém, esses encontros entre as diferentes culturas, não tem sido feito de maneira justa e equilibrada, ocorrendo processos de imposição de representações culturais, por vezes etnocêntricas, como no caso visto nos momentos colonizatórios. Além disso, é visto constantemente processos de aculturação, os quais afetam os indivíduos que passam a conviver dentro de outras comunidades.

Entendendo a aculturação, segundo Anna Zlobina e Dario Paéz (2008, p. 37) como o encontro entre culturas, numa sociedade estruturada a partir de meios de comunicação cada vez mais rápidos e com maior alcance, as trocas e influência entre eles se torna cada vez mais comum, o que não garante um isomorfismo nesse processo. Dessa forma pretende-se observar nesse artigo, como o uso dos meios de comunicação, principalmente os digitais, podem produzir a aculturação, assim como ocorre nos momentos de imigração.

Esse artigo partirá da revisão de algumas observações feitas pelos pesquisadores da Escola de Chicago, principalmente Robert Ezra Park (1864 – 1944) e Ernest Watson Burgess (1886 – 1966), sobre o fenômeno da imigração e a aculturação que muitas vezes acompanha esse processo. Busca-se comparar esse momento destacado pela Escola de Chicago, entre os anos de 1915 e 1935, com os sintomas atuais que se observa na Modernidade Tardia, consequência da grande mobilidade de populações que imigram para outros países devido as guerras e a miséria provocada pela distribuição desequilibrada de riquezas.

Além disso, pretende-se refletir sobre a aculturação produzida pelo contato entre culturas, promovida pelo advento dos meios de comunicação de massa e, mais atualmente, pelos meios digitais. Afinal, quando a Escola de Chicago refletiu sobre esse processo, os meios clássicos de comunicação de massa estavam sendo introduzidos na sociedade e os meios digitais ainda não haviam saído do campo hipotético.

Essa leitura pretende questionar, a partir da teoria dos meios de McLuhan (2016) e das análises sobre a introdução dos meios digitais de Dugnani (2020), se a introdução dos meios digitais interfere com esse fenômeno, se a aculturação atinge somente os imigrantes ou,

também, os usuários dos meios, e se os estudos interculturais poderiam ajudar no desenvolvimento de estratégias que pudessem diminuir os efeitos desse processo.

Em relação aos estudos interculturais serão utilizadas as reflexões oriundas de autoras como: Lisette Weissmann (2018) e a questão da interculturalidade, Natália Ramos (2009 e 2013) e as estratégias utilizadas para a integração dos imigrantes na Europa, Maria Aparecida Ferrari (2015) para definir o conceito de interculturalidade, e Isabel E. Carvalhais (2008) com sua análise sobre a imigração e interculturalidade na União Europeia.

Em específico sobre o conceito de aculturação serão utilizados o artigo de Anna Zlobina e Dario Páez - Aculturación y comunicación intercultural: El caso de inmigración en España (2008); a análise de Natália Ramos no texto Interculturalidade(s) e mobilidade(s) no espaço europeu: viver e comunicar entre culturas (2013); e as reflexões de Felipe Furtado Guimarães e Kyria Rebeca Finardi desenvolvidas no texto Interculturalidade, Internacionalização e Intercompreensão: qual a relação? (2018).

Para observar a relação entre a interculturalidade, desglobalização e os meios de comunicação, será utilizado o texto de Jacques A. Wainberg, Identidades em Crise e a Desglobalização Cultural (2022). Além desse artigo, serão consultados os artigos Corpo Estendido Versus Corpo Intercultural: Reflexões Sobre o Uso dos Meios de Comunicação e a Interculturalidade (2022a), Meios de comunicação e Aldeia Global: Globalização, desglobalização e interculturalidade (2022b) e Globalização e desglobalização: outro dilema da Pós-Modernidade (2018) de P. Dugnani.

Nesse artigo teórico e exploratório, pretende-se refletir sobre duas questões: A relação entre imigração, aculturação e o uso dos meios digitais na Modernidade Tardia como geradores de efeitos diferentes das estratégias observadas pela Escola de Chicago no início do século XX. E se os estudos interculturais, relacionados à compreensão dos efeitos dos usos digitais poderia trazer soluções onde a Escola de Chicago não conseguiu encontrar.

Sobre essas questões é que se pretende refletir nesse artigo, sem, é claro, ter a pretensão de encontrar as soluções para um problema que já foi identificado a pelo menos um século pela Escola de Chicago, mas que aflige a sociedade até hoje. Afinal, esse é um dos principais problemas da sociedade contemporânea: a aceleração dos encontros culturais pelos meios digitais e como realizar a adaptação dos imigrantes sem produzir um aumento da xenofobia e da violência.

Por essas questões é que se acredita que os estudos interculturais, relacionados à compreensão do uso e os efeitos dos meios de comunicação poderão indicar caminhos mais

justos para a formação de uma sociedade mais equilibrada e uma globalização mais eficiente, retomando a crítica feita por Milton no livro *Por uma outra globalização*, (2001).

2. Da Escola de Chicago

No início do século XX, mais precisamente na década de 1910 (MATTELART & MATTELART, 2005, p. 29), após a fundação da Escola de Chicago, financiada inicialmente por uma doação do bilionário John D. Rockefeller (1839 – 1937), nasce a primeira escola de ensino superior em Sociologia. Esse instituto se propunha a desenvolver pesquisas na área das Ciências Sociais, e teve nesse início dois estudiosos de destaque: Robert Ezra Park (1864 – 1944) e Ernest Watson Burgess (1886 – 1966). Os dois teóricos partiram do conceito de ecologia (1859), desenvolvido pelo biólogo Ernst Haeckel, e criaram o termo ecologia humana para investigar as leis que regem as relações humanas, em um determinado território e em uma determinada comunidade.

Entre os membros da Escola de Chicago, uma figura se destaca, a de Robert Ezra Park. Autor de uma tese de doutorado sobre ‘a massa e o público’, seguidor de Simmel que interroga a cidade como ‘laboratório social’ com os seus signos de desorganização, de marginalidade, de assimilação consagradas à questão da imigração na sociedade norte-americana. É a partir dessas comunidades étnicas que Park se interroga sobre a função assimiladora dos jornais e sobre a natureza da informação. E assim Park concebe a ideia de ‘ecologia humana’ que é uma tentativa de entender as comunidades humanas através de um esquema teórico vegetal e animal. Park realiza uma divisão para entender as sociedades, num nível da sociedade caracterizado pelo espaço de luta e de competição, ou o nível biótico da organização humana. E num segundo nível há uma superestrutura que se impõe como instrumento de controle e de direção, ou seja, o nível cultural. E neste nível que a comunicação e o consenso (ordem moral) têm a função de regular a competição, permitindo aos indivíduos compartilhar uma experiência de sociedade. (MATTELART & MATTELART, 2005, p. 30)

Entendendo a comunidade como uma sociedade organizada, que ocupa um determinado território, a qual cria relações de interdependência, os pesquisadores partiram para entender como as relações sociais se organizam, focando naquele momento a cidade de Chicago, pois apresentava sintomas que demonstravam uma desorganização social, a aculturação, um aumento da criminalidade, relacionadas, também, ao forte movimento de imigração que se instaurava naquele local no início do século XX.

A cidade como “laboratório social”, com seus signos de desorganização, de marginalidade, de aculturação, de assimilação; a cidade como lugar da “mobilidade”: tal é o terreno de observação privilegiado pela Escola de Chicago. Entre 1915 e 1935, as contribuições mais importantes de seus

pesquisadores são consagradas à questão da imigração e da integração dos imigrantes na sociedade americana. É a partir dessas comunidades étnicas que Park se interroga sobre a função assimiladora dos jornais e, em particular, das inúmeras publicações em língua estrangeira sobre a natureza da informação, o profissionalismo do jornalismo e a diferença entre ele e a “propaganda social” ou publicidade municipal [Park, 1922]. (Mattelart & Mattelart, 2005, p. 30)

Partindo de um método etnográfico, e compreendendo a cidade como um laboratório, um laboratório social, os pesquisadores buscavam analisar as relações sociais no local onde essas comunidades habitavam, pois acreditavam que o deslocamento desse grupo, poderia gerar alterações no comportamento da comunidade. Além disso, buscavam, partindo do método etnográfico, se introduzir na sociedade, para que a sua presença, também, não alterasse a organização daquele grupo social.

Entendendo a sociedade como um sistema orgânico com suas relações de interdependência, procuraram entender os indivíduos como organismos sociais, que ao habitarem o mesmo ambiente social, criavam suas relações e regras, as quais possibilitariam àquele sistema alcançar um equilíbrio.

Encontrar um equilíbrio social, em um ecossistema social saudável: esse era um dos objetivos dos estudos da Escola de Chicago e seu conceito de ecologia humana.

Esse equilíbrio deveria levar em conta a economia humana, ou economia biológica, termo cunhado por Park, muitas vezes sinônimo de ecologia humana, o qual descreve, que em uma sociedade, deve-se observar a luta de espaço, a competição pela subsistência dos indivíduos, e o conflito entre o nível biótico e o sociocultural.

Nessa “economia biológica” – termo que Park utiliza por vezes como sinônimo de ecologia humana -, é a “luta pelo espaço” que rege as relações interindividuais. Essa competição é um princípio de organização. Nas sociedades humanas, competição e divisão do trabalho resultam em formas não-planificadas de cooperação competitiva, que constituem as relações simbióticas, ou o nível “biótico” da organização humana. Esse nível “subsocietal” é a expressão dessa web of life”, dessa rede de vida que “liga as criaturas vivas do mundo todo num nexus vital”. Essa “comunidade orgânica”, cuja população distribui-se territorial e funcionalmente, entrando em concorrência, pode ser observada em suas diferentes fases ou idades sucessivas [Park, 1936]. Park aplica esse esquema para explicar o “ciclo de relações étnicas” (competição, conflito, adaptação, assimilação) nas comunidades de imigrantes). (Mattelart & Mattelart, 2005, p. 31-32)

Embora essa posição acabe por gerar diversas críticas, pois esse olhar acaba por fortalecer uma visão muito próxima das ideias defendidas pelo determinismo social, ou seja, uma visão positivista, muito galgada nas questões biológicas humanas, e que acabam deixando as questões sociais para segundo plano. Por outro lado, para esse artigo, a busca em

entender quais os motivos da imigração produzir determinados efeitos, interessam a essa argumentação. Essa questão instiga uma pergunta que se pretende observar: será que os estudos interculturais poderão avançar onde a Escola de Chicago não conseguiu encontrar uma solução?

Certamente esse artigo não conseguirá dar uma resposta definitiva e completa para essa pergunta, mas poderá abrir caminho para que os estudos interculturais e a teoria dos meios de comunicação possam sugerir caminhos e estratégias para desenvolver a integração entre comunidades, problema que tem afligido a sociedade da Modernidade Tardia, tanto no âmbito físico, com as imigrações; como no âmbito virtual, nos encontros cada vez mais comuns entre culturas, propiciadas pelos meios digitais.

3. Dilemas da interculturalidade e a relação entre os Meios e teorias de comunicação

Uma vantagem dos estudos interculturais contemporâneos, em relação à Escola de Chicago, é o desenvolvimento das teorias da comunicação, principalmente a partir de vertentes como da sociologia da comunicação, inaugurada pelos estudos dos pesquisadores da escola, bem como de estudiosos da sociologia e de outras áreas, como Harold Lasswell, Paul Lazarsfeld, Robert Merton, Norbert Wiener e Hanna Herzog.

Além dessa vertente, é importante resgatar as teorias críticas aos meios de comunicação, como as realizadas pela Escola de Frankfurt de Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin para poder fazer uma análise dialética do processo de encontros culturais, em contrapartida aos estudos focados nos efeitos dos meios de comunicação na organização social humana, encabeçada por McLuhan.

Essa vantagem se dá pelo fato de que diferente da Escola de Chicago, os estudos culturais e ou interculturais podem analisar a sociedade, não somente pelas suas relações sociais, mas também pelo viés do uso dos meios e seus efeitos no comportamento humano. O desenvolvimento dos meios, principalmente os digitais, aproximam as culturas, aproximam o “Outro”, como afirma Ramos (2013).

No mundo aberto e plural atual, com a globalização e os novos meios e tecnologias de informação e comunicação, com os média, a internet, as facilidades de deslocação e os meios de transporte rápidos, a diversidade cultural, o Outro, as minorias étnicas têm um outro estatuto e imagem. A diversidade cultural e o Outro não estão longínquos, mas estão mais próximos e presentes no cotidiano, coabitam conosco nos espaços públicos, nas instituições, e reclamam respeito e direitos. (Ramos, 2013, p. 348)

Tendo em vista essa questão, Ferrari (2015) identifica que o estudo da interculturalidade, não deve partir, apenas, dos estudos da cultura em si, mas dos processos comunicacionais que criam os fundamentos para um diálogo entre as culturas cada vez mais amplo.

Um dos aspectos mais importantes para o estudo da interculturalidade é a identificação dos processos comunicacionais que, ao lado da cultura, estabelecem as bases para o diálogo cultural entre as pessoas e nas e entre organizações com seus públicos e as demais instituições. (Ferrari, 2015, p.1)

Sendo assim, é possível definir a interculturalidade, a partir das investigações de Ferrari (2015), como sendo a relação entre as culturas, que já acontece desde a origem das sociedades humanas, mas que a cada tecnologia dos meios desenvolvida, amplia seu efeito e seu alcance.

A interculturalidade significa a relação entre pessoas de distintas culturas e, na verdade, ela se produz desde os inícios da humanidade, à medida que pessoas de culturas diferentes se relacionaram ao longo da história. Para compreender melhor as especificidades das terminologias, separamos e comparamos o conceito de multiculturalismo e de interculturalidade. (Ferrari, 2015, p.7)

No entanto, mais do que isso, a interculturalidade, para esse artigo, ou melhor, o estudo intercultural na Modernidade Tardia deve ser considerado um conhecimento que poderá desenvolver soluções para os encontros entre culturas e os dilemas do aumento da velocidade de trocas de informações produzidas pelo advento, primeiro, dos meios elétricos, depois dos meios de comunicação de massa, do uso dos satélites na comunicação e, por fim, da introdução dos meios digitais, como a internet e as redes sociais. Esse último desenvolvimento, é que tem trazido dilemas cruciais para sociedade contemporânea como afirma Ferrari (2015).

As sociedades e as organizações contemporâneas passam por um dilema intercultural à medida que estão expostas a uma pluralidade de visões sobre diferentes contextos, principalmente decorrentes dos processos de internacionalização que foram facilitados pela tecnologia, pela abertura das economias e pelos processos migratórios. Portanto, o estudo da interculturalidade pode ser comparado a um cenário ou um pano de fundo, que flui e influi no relacionamento das sociedades e organizações dentro e fora de suas fronteiras geográficas. Essa metáfora do pano de fundo, mostra que é necessária a adoção de uma perspectiva sistêmica, em que a cultura e a comunicação são dimensões sinérgicas que não funcionam em separado. (Ferrari, 2015, p.1)

Os dilemas das sociedades contemporâneas, da Modernidade Tardia, estão intimamente ligados ao desenvolvimento de novas tecnologias dos meios, sejam de transporte, sejam de comunicação, pois possibilitam um aumento brutal no contato entre as culturas, seja pela imigração propriamente dita, ou pelo contato virtual entre culturas. Esse movimento, embora possa ser pensado como natural, na verdade tem produzido efeitos bastante contraditórios. Os meios, ao invés de produzir uma aproximação entre as culturas, como previa McLuhan (2016) em seu conceito de Aldeia Global, na verdade tem produzido um efeito contrário, o da fragmentação de culturas, segundo Baitello (2015), e uma desglobalização da sociedade, segundo Dugnani (2021, 2018).

Os encontros culturais na Modernidade Tardia, ao invés de criar um processo de tribalização, ou seja, de aproximação entre os indivíduos de grupos culturais, favorecendo a coletividade e a troca de informações, esperada por McLuhan (2016); tem criado um ambiente hostil, de aumento da violência e das disputas sociais entre integrantes de diferentes culturas. Tanto o processo de imigração, quanto os contatos virtuais entre culturas, tem produzido um aumento da polarização ideológica, da xenofobia e do processo de aculturação, como pode ser visto nos estudos de interculturalidade. Processo que Natália Ramos, descreve no artigo Interculturalidade(s) e mobilidade(s) no espaço europeu: viver e comunicar entre culturas (2013), onde investiga como essa mobilidade e os encontros culturais na Europa, tem produzido efeitos negativos no processo de contato e trocas entre culturas.

Além de Ramos (2013), muitos outros textos investigam essa questão, como a coletânea organizada por Rosa Cabecinhas, Comunicação Intercultural Perspectivas, Dilemas e Desafios (2008), o artigo Imigração e interculturalidade na União Europeia: Sombra e luz de uma relação complexa, de Isabelle carvalhais (2008), e mesmo o artigo Aculturación y comunicación intercultural: El caso de inmigración en España (2008) de Anna Zlobina e Dario Páez.

A pluralidade e a heterogeneidade dos mundos contemporâneos, nomeadamente no espaço europeu, exigem aprender a viver a multiplicidade de culturas, de pertenças e de referências, não sob a forma de dicotomias, de exclusividade e de exclusão, mas de um modo plural, interativo e complementar. O objetivo da interculturalidade não é a separação do universal e do particular, mas a união, ou seja, a organização de um contexto cultural, social e relacional integrativo que tenha em conta um processo dialético ligando o Eu e o Outro, a abertura à pluralidade e o reconhecimento das identidades e da alteridade. (RAMOS, 2013, p. 356)

Em todas essas referências é possível detectar o aumento da tensão entre diferentes comunidades, devido a aceleração dos encontros entre culturas, e ao desenvolvimento de novas tecnologias de transportes, como dos meios de comunicação. Além da xenofobia e a

violência contra os denominados estrangeiros, os processos de aculturação, que os indivíduos são expostos, tem criado uma crise na identidade, principalmente daqueles que chegam de outras culturas.

As múltiplas cidadanias é atitude que reconhece este fato da modernidade – o da intensa mobilidade das pessoas, o da geolocalização do sujeito e o das configurações familiares mistas. Cada uma das partes do self desse sujeito composto é acionada dependendo da circunstância e das necessidades. Desta forma ele tenta encontrar um elo mesmo que frágil com seus diversos interlocutores. (Wainberg, 2022, p. 7)

Sendo assim, para Wainberg (2022) essa seria uma das principais crises do momento contemporâneo, um dilema central e complexo exposto à Modernidade Tardia: “Resulta que a crise das identidades dos grupos humanos é um dos principais dilemas da atualidade (Wainberg, 2022, p. 5)”.

4. Aculturação: dilemas e busca por soluções

Embora McLuhan (2016) apregoasse em sua teoria, ainda sobre uma influência da visão funcionalista da Escola de Chicago, que o desenvolvimento dos meios de comunicação levaria a um inevitável processo orgânico de união entre culturas, onde seria resgatada, por causa do advento e o uso dos meios de comunicação elétricos, uma relação tribal e global de coletividade entre diferentes grupos humanos espalhados pelo planeta, segundo Wainberg (2022), em 1977, o pesquisador canadense já demonstrava algumas dúvidas sobre esse fenômeno, alertando, em uma entrevista, para o problema dos indivíduos sem identidade que passaram a surgir no processo de tribalização descrito por McLuhan (2016), ou, como é mais denominado hoje, no processo de globalização.

Esta tendência foi antecipada por Marshall McLuhan que surpreendeu seus contemporâneos ao contrariar o senso comum de seu tempo e seu próprio prognóstico proferido em 1950 sobre o surgimento de uma aldeia global graças ao aparecimento da televisão. Disse em 1977 numa entrevista que não havia evidência de que ela estava se tornando realidade. Ao contrário, o que estava havendo de fato era um retrocesso. Os sujeitos querem evitar os encontros abrasivos que a proximidade física geralmente produz. McLuhan ponderou metafóricamente que para circular melhor e obter equilíbrio uma carroça precisa de um eixo maior separando suas rodas. Disse que os fronteiros não têm identidade e por isso mesmo se tornam pessoas duras. Os sem identidade e os não reconhecidos como dotados de um traço singular digno de reconhecimento pelos demais usam com frequência a violência para chamar a atenção dos outros sobre si. (Wainberg, 2022, p. 8)

Essa percepção de McLuhan (WAINBERG, 2022), parece estar se concretizando hoje, com a crise de identidade, e o processo crescente de aculturação que se percebe no mundo, seja causado pelo processo acelerado de movimentos imigratórios, seja pelos contatos virtuais concretizados pela internet, e, principalmente, pelo uso das redes sociais.

Esses indivíduos sem identidade, que parecem ser cada vez mais frequentes nos processos migratórios e nas trocas virtuais, que recorrem muitas vezes à violência, tanto como uma resposta contra essa sensação de isolamento social, quanto como uma forma de chamar atenção para sua existência, não deixa de ser um processo de aculturação.

Entendendo-se por aculturação, concordando com Zlobina e Páez (2008), como um processo complexo e desigual de encontro entre culturas, mas que pode levar a uma perda da identidade, pois ao invés de ocorrer a troca equilibrada entre expressões culturais, na verdade, ocorre uma aglutinação forçada ou mesmo voluntária daqueles que são considerados estrangeiros, em nome da busca de paz, ou mesmo da própria subsistência daqueles que são oriundos de culturas diferentes.

A aculturação tem sido classicamente definida como “os fenômenos que resultam do contato direto contínuo entre grupos que possuem culturas diferentes, com conseqüentes mudanças nos padrões culturais de um ou de ambos os grupos” (Redfield, Linton & Herskovits, 1936). No entanto, embora seja verdade que, quando duas culturas entram em contato, elas inevitavelmente experimentam mudanças e influências mútuas, a tendência geral é que haja desigualdade na magnitude dessas mudanças e influências, e que uma cultura tenha mais poder e domínio sobre a outra, o que permite diferenciar uma cultura dominante e sua relação com o conjunto de grupos minoritários. Isso não significa que o grupo dominante não perceba as mudanças durante o contato, pois, na verdade, a aculturação muitas vezes implica em crescimento populacional, maior diversidade cultural, fragmentação social e aparecimento de reações negativas (preconceito, discriminação). [...] No entanto, o impacto da aculturação será mais forte nos grupos minoritários, que serão transformados durante o contato, levando esse fato à modificação dos traços que os definem culturalmente e que, portanto, serão diferentes daqueles que possuíam anteriormente. No caso dos imigrantes, esse processo consiste em modificações em seus padrões de comportamento, em sua identidade etnocultural ou em seu sentimento subjetivo de pertencimento, e todas as outras mudanças produzidas pelo fato de morar em um país diferente do seu onde, além disso, representam uma minoria com menos poder e status do que os nativos. (Zlobina & Páez, 2008, 37-38) (tradução do autor)

Contudo, mesmo ocorrendo esse processo, o indivíduo considerado estrangeiro, não fica isento da violência que os encontros culturais na Modernidade Tardia, tem propiciado com a evolução tecnológica dos meios. Por isso, o aumento dos discursos xenofóbicos, presencialmente ou de maneira virtual, tem causado uma ampliação de movimentos e grupos que pregam o preconceito e a discriminação, influenciando, até mesmo, a organização política

e os discursos sociais de nações inteiras, como é possível ver em relação ao crescimento de grupos neonazistas e de discursos alicerçados na ascensão da extrema-direita.

Weissman (2018) observa o crescimento de uma sensação, bem como do surgimento de grupos de indivíduos que passam a se portar como nômades, exaltando a desterritorialização. Esse processo produz, por um lado uma heterogeneidade de culturas, mas, por outro, uma sensação de incerteza, e um enfraquecimento dos vínculos sociais, como descreve, também, Byung Chul-Han (2015), como um enfraquecimento da alteridade, o que pode levar a uma falência civilizatória, uma desagregação social preocupante.

Por um lado, aumenta a heterogeneidade e as possibilidades de referências para construir nossa identidade, mas, por outro lado, isso cria incertezas. Defrontamo-nos com homens nômades que exaltam a desterritorialização e pensam que, na medida em que os vínculos vão se debilitando, o sujeito sente liberação das ataduras anteriores. Dessa forma, abandonam-se as imagens das pessoas sujeitas a um território fixo, o que aumenta a percepção de um mundo constituído e visualizado em formato de rede. (Weissmann, 2018, p. 32)

A aculturação psicológica, segundo Ramos (2013) e Guimarães e Finardi (2018), apoiada na visão de John W. Berry se caracteriza por quatro maneiras: por assimilação, integração, separação ou marginalização.

Na assimilação ocorre que o imigrante, ou estrangeiro, adota as características culturais abandonando sua identidade de origem. Na integração parte da identidade cultural original é mantida, e parte da identidade do grupo étnico-cultural é adotada. Na separação, o imigrante ou estrangeiro, num processo de resistência, se isola em seu grupo de origem e passa a manter relações apenas com membros da mesma cultura. Por fim, a marginalização, aonde o grupo dominante, e na maioria das vezes, considerado nativo do lugar, impede de maneira preconceituosa e discriminatória, que o indivíduo acesse a vida social e as expressões culturais daquela localidade, ou daquele grupo dominante.

Como é possível notar os estudos interculturais indicam como sendo a melhor estratégia de aculturação, o processo de integração, pois pode buscar, de maneira equilibrada e mais justa, a aproximação entre diferentes culturas, buscando preservar a diversidade e a harmonia da comunidade.

Entre as modalidades de aculturação, as investigações realçam que a integração é o modo mais adaptativo de aculturação, provendo nos grupos mais sentimentos de satisfação e bem-estar, sendo os indivíduos que procuram a integração os que têm a taxa de stresse mais baixa (Berry, 1989, 1992, Phinney et al., 2001). Contrariamente, a marginalização constitui o modo de aculturação que mais conduz a situações de stresse, sendo os indivíduos que vivem situações de conflito nas suas tentativas de separação os que apresentam o nível de stresse mais elevado. (Ramos, 2013, p. 349)

Mediante a esse panorama exposto nesse artigo, diversos autores parecem convergir para uma posição similar a de Ramos (2013), onde, mediante o fato inevitável que a tecnologia dos meios de comunicação e de transporte deverão produzir cada vez mais esses encontros entre culturas, é preciso encontrar estratégias que possam ampliar a aceitação da pluralidade e heterogeneidade cultural, buscando diminuir as tensões, ampliando a integração entre as diferentes culturas.

A pacificação internacional implica, portanto na despolitização das identidades e na moderação (1) dos discursos de ódio contra o outro e (2) da exaltação impertinente de si próprio. Neste esforço (3) os estereótipos recíprocos precisam ser quebrados com contraexemplos que abrandam e abalam a pretensa solidez etnocêntrica. Esse é um dos recursos utilizados na prática da resolução dos conflitos, a que busca ressaltar as convergências entre os grupos humanos. (4) Mudar o tom das narrativas e o da ruminação coletiva demanda tempo e disposição política. Casos exemplares disso são os da reconstrução da imagem internacional da Alemanha e do Japão no pós-guerra. (Wainberg, 2022, p. 9)

Com isso, Wainberg (2022) propõe que a sociedade contemporânea passa por um processo de despolitização das identidades, da quebra dos estereótipos, exaltando as convergências entre os grupos culturais diversos. Além disso, que é necessário a busca de um apaziguamento dos conflitos entre culturas, o desenvolvendo de uma disposição política coletiva que possa abrandar os ânimos, valorizando, assim, a diversidade cultural e trazendo contribuições importantes para a manutenção da sociedade e, quiçá, pôr fim à crise civilizatória que tem se espalhado pelo mundo, incentivando a violência, os discursos de ódio, o preconceito e a xenofobia.

5. Considerações finais

Han (2015) fala da crise da alteridade, onde a relação entre o eu e o outro, não é mais mediada pela presença desse outro, mas pela visão individualista do eu, característica tão comum da Modernidade Tardia.

O sujeito oriundo desse momento histórico tem demonstrado diversas características preocupantes, além do aumento do individualismo, a busca em satisfazer os prazeres de maneira imediata – o hedonismo – como apresenta Lipovetsky em seu livro *Felicidade Paradoxal* (2007). Além disso, tem desenvolvido uma sensação de incerteza motivada pelas mudanças muito rápidas, que a aceleração das trocas de informação tem imprimido no mundo, devido ao advento dos meios digitais.

Em meio à sensação de incerteza, segundo Bauman (2001), o sujeito se torna capaz de trocar sua liberdade, pela sensação de segurança, fator que acaba por fazer com que ele busque acreditar em discursos antigos que prometiam a restauração das certezas (retrotopia), restaurando pensamentos que pareciam já extintos, mas que estavam apenas adormecidos, como o preconceito e a discriminação apresentadas no período nazista.

Esses são alguns fatores que tem produzido a desglobalização (Dugnani, 2018) e a fragmentação dos grupos sociais (Baitello, 2015), apoiados pelo uso dos meios digitais, que, ao invés de produzir a aproximação entre culturas – como no conceito de Aldeia Global de McLuhan (2016), tem produzido um efeito contrário. Um dos efeitos contrários produzidos pelo advento dos meios digitais, é a alienação. Alienação produzida, muitas vezes, pela formação que as bolhas de informação proporcionam, nas quais, apenas circulam informações que reforçam a ideologia de seus frequentadores, afastando ideias contrárias.

Nesse processo, o estrangeiro, e mesmo os discursos de culturas diferentes acabam sofrendo um processo violento de rejeição e preconceito, reforçando o quadro de crise civilizatória e de fragmentação social por causa do enfraquecimento da alteridade, pois, a importância do outro enfraquece, quando apenas o indivíduo, o eu, se considera importante. Se a sociedade organizada na Modernidade Tardia não se atentar a essas questões, em pouco tempo, a crise poderá trazer conflitos cada vez maiores, ampliando a crise que vive os seres humanos.

Referências

BAITELLO, N. (A massa sem corpo), (o corpo sem massa), (a massa sem massa), (o corpo sem corpo. As redes sociais como ambientes de ausência (e fundamentalismos). In: Lopes, M. I. V.; KUNSCH, M. M. K. (org.). **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2015.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CABECINHAS, R. **Comunicação Intercultural Perspectivas, Dilemas e Desafios**. Porto: Editora Campo das Letras e o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2008.

CARVALHAIS, I. E. Imigração e interculturalidade na União Europeia: Sombra e luz de uma relação complexa. In: CABECINHAS, Rosa (org.). **Comunicação Intercultural Perspectivas, Dilemas e Desafios**. Porto: Editora Campo das Letras e o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2008.

DUGNANI, P. Corpo Estendido Versus Corpo Intercultural: Reflexões Sobre o Uso dos Meios de Comunicação e a Interculturalidade. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 17–29, 2022a. DOI: 10.21814/rlec.3527. Disponível em: <https://rlec.pt/index.php/rlec/article/view/3527>.

DUGNANI, P. Meios de comunicação e Aldeia Global: Globalização, desglobalização e interculturalidade. **ECCOM**. v. 13 n. 26, 2022b. Disponível em: <http://fatea.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/1868>. Acesso em: 14 mai. 2024.

DUGNANI, P. Globalização e desglobalização: outro dilema da Pós-Modernidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 1-14, maio, junho, julho e agosto de 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.2.27918>.

DUGNANI, P. Pós-modernidade e comunicação: dos meios de massa aos meios digitais. **Comunicação & Inovação (ONLINE)**, v.21, p.129 – 146, 2020. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/6201. Acesso em: 14 mai. 2024.

FERRARI, M. A. Comunicação Intercultural: Perspectivas, Dilemas e Desafios. In: MOURA, C. P; FERRARI, M. A. (orgs.). **Comunicação, Interculturalidade e Organização: faces e dimensões da contemporaneidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

HAN, B. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LIPOVETSKY. G. **Felicidade Paradoxal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Cultrix: São Paulo, 2016.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005.

RAMOS, N. Interculturalidade(s) e Mobilidade(s) no espaço europeu: viver e comunicar entre culturas. In: **The Overarching Issues of the European Space**. Ed. Faculdade Letras Universidade do Porto, 2013, p. 343-360. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12349.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2024.

RAMOS, N. Diversidade cultural, educação e comunicação intercultural – políticas e estratégias de promoção do diálogo intercultural. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 34, n. 20, p. 9-32, jan./abr, 2009.

SANTOS, M. **Por uma Outra Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

WAINBERG, J. Identidades em Crise e a Desglobalização Cultural | Identities in Crisis and Cultural Deglobalization. **Mural Internacional**, v.13, e63263, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/rmi.2022.63263>

WEISSMANN, L. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. **Construção psicopedagógica**, São Paulo, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542018000100004. Acesso em: 14 mai. 2024.

ZLOBINA, A. & PÁEZ, D. Aculturación y comunicación intercultural: El caso de inmigración en España. In: CABECINHAS, Rosa (org.). **Comunicação Intercultural Perspectivas, Dilemas e Desafios**. Porto: Editora Campo das Letras e o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2008.

DATA DE ENVIO: 14 de maio de 2024 | DATA DE APROVAÇÃO: 19 de junho de 2024